

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**AS PRÁTICAS HUMANAS RELACIONADAS À MORTE EM UMA
PERSPECTIVA HISTÓRICA E SUAS MUDANÇAS COM O ADVENTO DA
TANATOPRAXIA EM NATAL NO FINAL DO SÉCULO XX**



**Andrey Fernandes da Silva
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Emília Monteiro Porto**

Natal/RN

2008

**AS PRÁTICAS HUMANAS RELACIONADAS À MORTE EM UMA
PERSPECTIVA HISTÓRICA E SUAS MUDANÇAS COM O ADVENTO DA
TANATOPRAXIA EM NATAL NO FINAL DO SÉCULO XX**



Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte das atividades para obtenção de títulos de Bacharel e de Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Emília Monteiro Porto.

Andrey Fernandes da Silva

Natal/RN

2008

As práticas humanas relacionadas à morte em uma perspectiva histórica e suas mudanças com o advento da tanatopraxia em Natal no final do século XX

Trabalho apresentado em ____ / ____ / ____ .

Autoria: Andrey Fernandes da Silva

Banca Examinadora

Dr^a. Maria Emília Monteiro Porto

Ms. Maria Conceição Guilherme Coelho

Dr^a. Maria Conceição Fraga

Dedico este trabalho a meu avô, o qual considero uma "história viva" ainda no coração, e que faleceu quando ainda estava em conclusão deste trabalho. Aos meus pais, Arão e Marlene, às minhas irmãs, Sulamita e Francioli, e à minha amada esposa Patrícia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pela capacitação, força e saúde que me encorajaram a seguir adiante.

Agradeço à minha amada esposa Patrícia, que tem sido o meu braço direito nos desafios que tenho enfrentado, por ter paciência de dividir o computador em nossos trabalhos.

Agradeço à minha professora Maria Emília Monteiro Porto, que se dispôs a me orientar e me incentivar a continuar.

Agradeço ao Grupo Vila, representada por Lúcio Telles da Silva, gerente do Centro de Velório do Grupo Vila da unidade São José, por disponibilizar materiais e informações sobre o tema.

Agradeço a Marivaldo Amaro da Silva pela disposição de seu tempo e de seus conhecimentos sobre o tema.

Agradeço também ao mestre Sérgio, professor de filosofia da UFRN, pelas observações inteligentes sobre meu trabalho e pelos livros emprestados.

Agradeço a Edmilson de Jesus e a Jason Lima pela edição desta monografia e pela coragem de assumir tal desafio em tão pouco tempo.

Agradeço aos meus amigos mais próximos pelo apoio e carinho.

Agradeço em especial à minha família: meu pai, pelo apoio em todos os aspectos, pelo incentivo e também por ser meu "mecena", provendo-me nas horas de que mais preciso; à minha mãe, pelo apoio estrutural e espiritual que me tem dado ao longo da vida; às minhas irmãs, simplesmente por existirem; à minha sogra, Elizete Paulo, pelo apoio permanente durante meu longo curso na UFRN; a Jailton, Tiago Paulo, Débora Shirley, que agora fazem parte da minha família e que, conseqüentemente, muito me têm ajudado.

RESUMO

Este trabalho trata-se de uma análise de algumas atitudes do homem diante da morte, levando em consideração a chegada da tanatopraxia, técnica avançada de higienização e conservação do cadáver em Natal e no Rio Grande do Norte. Através de uma entrevista com um dos tanatopraxista pioneiro na técnica na capital do Rio Grande do Norte, tem-se como objetivo identificar elementos referentes ao tratamento do morto antes de a Tanatopraxia chegar a Natal, suas repercussões e vantagens. A preocupação com a estética na atualidade está cada vez maior e não se limita aos vivos, mas a aparência do morto também é levada em conta para que se afastem os traços trágicos da morte. É neste ínterim que a tanatopraxia cumpre seu objetivo, o de afastar os aspectos trágicos da morte, juntamente com a tanatoestética, contribuindo para uma mudança no conceito de morte. Assim, através da constatação da grande aceitação dessa técnica e dos seus benefícios, essa prática tende a ser um elemento básico e essencial nos serviços funerários do futuro, como já o é na atualidade.

ABSTRACT

This work is a review of some attitudes of man facing the death, taking into account the arrival of tanatopractice, technically advanced cleaning and conservation of the corpse, in Natal and in Rio Grande do Norte. Its goal is to identify elements concerning the treatment of the dead before the tanatopraxia arrives in Natal, through an interview with one of tanatopractician pioneer of the technique in Natal as the impact caused on the population to use this treatment, highlighting its advantages. The concern for aesthetics at present is increasing, not merely to live, but also the appearance of dead is taken into account, which depart for traces of the tragic death. It is in the meantime tanatopractice meets its goal, to overcome the tragic aspects of death, together with the tanatoaesthetics, contributing to a change in the concept of death. In this case, by finding wide acceptance of this technique in view its benefits, we realize that the trend is to become a basic and essential service in the funeral services in the future, as it's been nowadays.

SUMÁRIO

Introdução	8
1. A tradição da relação do homem com a morte - do mundo antigo ao mundo contemporâneo	10
2. A tanatoestética e os ritos de morte no Brasil contemporâneo	21
Considerações finais	32
Referências bibliográficas	34
Anexos	36

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho são as atitudes do homem diante da morte. Colocado em uma perspectiva histórica, sabemos de uma grande mudança nas atitudes diante da morte na tradição ocidental, mesmo que de forma bastante lenta e quase imperceptível.

De um modo geral, essas atitudes tendem cada vez mais a expressar um desejo de afastamento da morte ou de seus sinais de dor, da doença e do corpo sem vida. A morte, então, tornou-se um interdito. Assim, existe toda uma tradição que vem se mantendo sempre tensa na história das atitudes diante da morte.

Tais atitudes têm se expressado de várias formas. Concentramo-nos aqui em examinar as formas diretamente relacionadas ao tratamento do corpo morto. As formas tradicionais de tratamento da morte têm sofrido modificações, e o advento da tanatopraxia representa já uma especialização dessas formas, já que consiste em um conjunto de técnicas de conservação, higienização e restauração de cadáveres humanos.

Nosso interesse por esse tema se deu ao entrarmos em contato com a tanatoestética, que se ocupa nos cuidados dispensados ao cadáver para que adquira, através de cosméticos e cuidados estéticos em geral, uma aparência natural visando à sua melhor apresentação. O uso dessa técnica vem se difundindo cada vez mais nas sociedades contemporâneas, tanto em nível internacional como local.

O discurso da tanatoestética que aqui examinaremos apresenta-se em *Tanatopraxia: teoria, prática e legislação* (FIÚZA, 2003), livro técnico que descreve as finalidades e os modos de proceder da especialidade, configurando-se assim como a visão teórica geral; e o discurso dos vendedores desse serviço em Natal e em algumas cidades do Rio Grande do Norte, que representa aqui a forma como esse benefício é apresentado ao público e como eles justificam essa nova necessidade, permitindo-nos um acesso a dados materiais/numéricos sobre a demanda e utilização desse serviço.

Do cruzamento entre a tradição diante da morte e o discurso atual da tanatoestética identificaremos os argumentos que sustentam esse discurso, contribuindo

com isso para uma reflexão geral sobre as atitudes contemporânea e local diante da morte. Para isso, tomaremos como categorias centrais o que se sobrepõe da argumentação dos cultores da tanatopraxia e da tanatoestética no Rio Grande do Norte e o que essa arguição informa-nos sobre as relações simbólicas ali representadas.

Perguntamo-nos, então, o que a tanatoestética praticada no Rio Grande do Norte representaria em termos de uma atitude diante da morte que quer, ainda que como imagem última, representar-se com corpos incorruptos?

Estudos como os de Philippe Ariès, Jean-Pierre Vernant, João José Reis apóiam-nos no percurso do trabalho pela via da história cultural, cuja pertinência nesse estudo se justifica por lidar com os aspectos simbólicos e discursivos da realidade histórica. **Do cruzamento entre idéias e atitudes sai a perspectiva mais vigorosa da historiografia atual.** Além desses autores, contamos com dois estudos sobre as atitudes diante da morte: o trabalho de Conceição Guilherme Coelho (2001) sobre as formas de morrer no sertão do Seridó e o de Eliane Tânia Martins de Freitas sobre dois cemitérios do Rio Grande do Norte (2008). A possibilidade de examinar o fenômeno em uma dimensão local permite que nos coloquemos no âmbito desses estudos, desfrutando suas perspectivas teóricas e metodológicas.

Nosso trabalho apresenta dois capítulos. No primeiro, apresentaremos nosso estudo sobre a tradição do Ocidente diante da morte e, no segundo, apresentaremos o discurso atual da tanatoestética, colocando assim em diálogo essa tradição e sua dimensão na atualidade.

1. A TRADIÇÃO DA RELAÇÃO DO HOMEM COM A MORTE - DO MUNDO ANTIGO AO MUNDO CONTEMPORÂNEO



"Tudo fez formoso em seu tempo; também pôs na mente do homem a idéia de eternidade, se bem que este não possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até o fim."

Eclesiastes 3.11

A Antigüidade oriental, especialmente o Egito faraônico, é significativa para o estudo das relações do homem com a morte. Suas formas de trato com o cadáver foram referências para outras civilizações e deixaram grandes legados para a humanidade. A civilização egípcia detinha um conhecimento especial relacionado à decomposição do corpo e sobre as medidas necessárias para sua preservação. Este fato é comprovado pela descoberta de corpos mumificados, adornados e em bom estado de conservação, datados de 5.000 anos. O processo de mumificação de um corpo era muito cansativo e minucioso, podendo durar até setenta dias, e não eram permitidos erros, pois estava fortemente ligado a concepções religiosas e poderia levar ao não cumprimento do objetivo de se chegar à vida eterna. Os faraós, segundo a crença, tornavam-se deuses após a morte, e, por isso, eram os que mereciam os enterros mais magníficos, juntamente com os oficiais de alta patentes e nobres, que também recebiam tratamentos especiais após a morte e podiam ser mumificados.

No período pré-dinástico da história egípcia, aproximadamente 3.100 anos a.C., eles "enterravam seus mortos geralmente desnudos e sem qualquer prática de mumificação, em fossas superficiais cavadas nas areias do deserto, em posição fetal, com a cabeça na direção sul e a face voltada para o ocidente".¹ A conservação de alguns corpos aconteciam de maneira natural, um conjunto de fatores contribuíam para isso: a areia quente e seca do deserto, que desidratava o corpo; a falta de contato com o ar ambiente e a alta temperatura diurna do deserto; as baixas temperaturas noturnas, que

¹ FIÚZA, 2003, p.16.

contrastavam com as diurnas. Todos esses fatores serviam para conservar lentamente o corpo de forma natural. Ao ter contato com esses corpos naturalmente conservados, o povo alimentou a crença, que já tinham, na vida após a morte. Precisava, então, dominar uma técnica artificial de tratamento desse corpo para que pudesse melhor atingir seu objetivo.

Segundo o historiador grego Heródoto, considerado o pai da história, os egípcios faziam uso de técnicas de diferentes métodos de preservação, que iria variar de acordo com a classe sócio-econômica do morto. Com o aumento do poder dos faraós no Egito, a mumificação tornou-se privilégio de poucos. Passou a ser destinada principalmente àqueles que seriam tornados deuses após a morte. A cada cidadão seria dado um tratamento diferente de acordo com sua importância na organização deste império. Inicialmente, realizavam-se procedimentos, que começavam três dias após a morte, exclusivamente para as pessoas ricas e poderosas. A família levava o corpo para os embalsamadores, que trabalhavam às margens do rio Nilo devido à grande necessidade de água, colocavam o corpo sobre uma mesa de pedra ou de madeira ou de pedra com detalhes de alabastro, cujos pés em sua decoração tomavam a forma de leão. Ao redor da grande mesa havia vasos menores para depositar os órgãos do morto. Em seguida, o corpo era lavado, e os órgãos internos retirados. Cada um deles era envolto em um pano de linho e colocado dentro de um dos quatro vasos sobre a proteção dos deuses chamados Filhos de Hórus, representados nas tampas destes recipientes.

O único órgão interno que permanecia com o corpo era o coração, pois não se podia separar um do outro, uma vez que nele residiam os sentimentos, a consciência e a vida. O corpo era coberto com natrón, um tipo de sal que desidratava o corpo em mais ou menos 35 a 40 dias. As cavidades eram preenchidas com limo (qualquer alga, filamentosa ou não, que forme massas verdes na água doce) ou serrim (espécie de qualquer planta ou grão para alimentação do gado), secos e desidratados, provenientes do rio Nilo. O corpo era então costurado com linho ou placa de cera. Quando se tratava de um rei, uma chapa de ouro era utilizada para o fechamento de seu corpo. A múmia era lavada nas águas do Nilo, ungida com bálsamos aromáticos e vestida adequadamente. Em seguida, era envolta em tiras de linho impregnadas de resina (goma arábica). Um sacerdote vestindo uma máscara do deus Anúbis, num ritual secreto, recitava as fórmulas de

encantamento adequado. Por fim, era posto um sarcófago dentro de outro e entregue aos familiares para se dar seqüência ao ritual fúnebre. No momento do funeral, a múmia e os jarros com seus órgãos eram levados do local do embalsamamento até a tumba, onde seriam sepultados. A demonstração de reverência das pessoas, geralmente, era o choro. Dentro da tumba ocorriam as cerimônias religiosas, preparando a pessoa para a outra vida, a vida eterna.

Apesar de enfatizarmos a civilização egípcia, os estudos arqueológicos mundiais demonstram que o segredo da preservação dos corpos não era um conhecimento exclusivo dos egípcios, pois, ao longo do tempo, têm sido encontrados corpos mumificados em lugares bem distantes como Dinamarca, Nova Guiné, Japão, Ilhas Canárias, China, Sibéria, América do Norte, América Central e por toda América do Sul, principalmente na região da cadeia montanhosa dos Andes, pertencentes aos mais variados povos. O culto à morte, aos antepassados, à preservação do corpo com técnicas muito diversas, e à união com Deus ou com os deuses, encontra-se como denominador comum em todos os continentes e civilizações.

Analisando a Antiguidade clássica, Jean Pierre Vernant, em *A Bela morte e o cadáver ultrajado* (1979), analisa um episódio da Guerra de Tróia, narrado por Homero, na *Ilíada*, quando Aquiles mata Heitor, príncipe troiano, no qual a aparência do corpo morto adquire um lugar central. Segundo a tradição indo-européia, à qual esses guerreiros pertenciam, o corpo devia ser queimado como uma oferenda aos deuses, porém o corpo deveria estar em ótimas condições. A morte de um jovem era bem vista, era a morte do herói. Morrer idoso, por exemplo, não implicava tanta glória, pois era sinônimo de derrota, de uma vida sem aventuras, monótona. Assim,

(...) ultrapassar a morte é também escapar da velhice. A morte e a idade avançada equiparam-se para os gregos. Tomar-se velho é ver pouco a pouco o tecido da vida em si mesmo desfazer-se, corromper-se, roído por este mesmo poder de destruição, esta kere, que conduz ao fracasso².

Mas Aquiles ultraja o cadáver de Heitor, arrastando-o em volta das muralhas de Tróia, humilhando assim os inimigos troianos. A preocupação com a aparência do corpo

² VERNANT, 1979, p. 43.

do guerreiro após a morte, para o seu sepultamento, era semelhante à de quando ele estava vivo, ou até maior, pois o que estava em jogo era a sua eternidade, como ele seria entregue aos deuses. A finalidade das práticas funerárias se revela de maneira mais clara onde faz falta, e, sobretudo, onde são ritualmente denegadas, nos procedimentos de ultraje do cadáver inimigo. Propondo-se impedir que o adversário aceda ao estatuto de morto glorioso, que seu fim heróico fez merecer, o ultraje permite-nos melhor compreender, pela natureza das sevícias que ele efetua, o caminho tomado normalmente pelos ritos funerários para imortalizar o guerreiro pela bela morte³.

Na Roma Antiga, os rituais fúnebres também estavam ligados a essa preocupação com a estética. O cadáver era lavado com água quente, perfumado e vestido com uma toga ornada com as insígnias de que o morto era possuidor. Por influencia grega, era de costume colocar na boca do defunto uma moeda destinada ao pagamento do caronte, barqueiro de um dos rios do inferno. Após ficar exposto em um leito no átrio, onde seriam colocadas as flores e coroas, o morto era levado em ataúde aberto num cortejo acompanhado por flautistas, tocadores de trombetas e carpideiras, especialmente contratadas para chorar e fazer o elogio do finado.

Em relação aos túmulos, percebe-se uma tendência à individualização das sepulturas. Era comum, desde a Roma Antiga, que cada pessoa tivesse um local de sepultura marcado por uma inscrição, inclusive os escravos. Isto significava o desejo de se conservar a identidade do túmulo e a memória do desaparecido. Porém, havia muita diferença entre o enterro do rico e o do pobre na Roma Antiga. Os pobres eram enterrados ou incinerados sem muitos ritos, mas, mesmo assim, havia as **columbárias**, sepulturas condignas construídas entre os associados. Já nos funerais dos ricos, primeiramente o cortejo se dirigia ao fórum, onde se fazia um discurso fúnebre (*laudatio*). Em algumas ocasiões era comum a máscara de cera, que representava o antepassado do morto. O cemitério situava-se fora dos muros da cidade, onde acontecia o sepultamento ou a incineração na própria tumba, na qual se depositava também objetos de uso pessoal e alimentos. Em seguida, era feito um banquete fúnebre, próximo à sepultura, iniciando para a família um rigoroso luto de nove dias (novena), sucedido de alguns sacrifícios de animais.

³ *Ibid.*, p. 57.

Na tradição judaico-cristã as atitudes diante da morte revelam que a morte era considerada um trespasse, uma fase. A crença era a de que os mortos dormiam e que a morte na realidade seria um descanso. Esse sono seria despertado no dia bem-aventurado da ressurreição da carne. Portanto, o cuidado com o corpo era de suma importância. Conforme podemos perceber na Bíblia sagrada:

Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos⁴.

Tendo em vista a idéia futura de uma ressurreição do corpo, era essencial que o corpo fosse sepultado ao invés de ser incinerado, prática mais comumente utilizada pelos bárbaros germânicos e por alguns romanos. A boa aparência do corpo também era essencial, pois esse mesmo corpo iria ressuscitar e precisava ser bem conservado. Foi essa a tradição herdada pela cristandade medieval. Apesar da invasão germânica sobre o mundo romano, não foi a prática de incineração própria dos germanos indo-europeus que vingou no ocidente e sim a tradição judaico-cristã de enterramento.

Acreditava-se, na Idade Média, que a decomposição do corpo era o sinal do fracasso do homem. Na Idade Média, inicialmente, a morte era percebida. Após perceber que a morte era chegada, o moribundo poderia cumprir os últimos atos do cerimonial tradicional da morte. Primeiro ele lamentava a vida de forma profundamente triste, porém bastante discreta. Lembrava-se de pessoas e de coisas as quais ele amava. Após esse lamento nostálgico da vida, vem o perdão dos companheiros, para que nada impeça a bênção de Deus ao moribundo. Agora é tempo de esquecer o mundo e pensar em Deus. A prece era dividida em duas partes: o reconhecimento da culpa, do pecado; e a segunda parte era o *commendatio animae*, a salvação da alma. Após esta última prece bastava esperar a morte, que não demorava muito.

No século VI, cria-se um costume de se enterrar o defunto também nas igrejas e isso aproximou os mortos das cidades. Os sarcófagos de pedras muitas vezes possuíam, além do nome, um retrato do morto em seu momento de vida. Porém, com o tempo esse tipo de sepultura desapareceu e elas se tornam cada vez mais anônimas, devido ao

⁴ Isaías, 26.19.

enterro *ad sanctos*, em que o defunto era abandonado na igreja onde ficaria até a ressurreição⁵.

Aos poucos, mais precisamente a partir do século XIII, reaparece a efígie, que não chegava a ser um retrato, porém mostrava a felicidade do eleito descansando à espera do paraíso. Do século XIV ao século XVII, a arte funerária evoluiu no sentido de uma maior personalização em contradição aos séculos seguintes, como vimos anteriormente⁶. Ariès afirma que, desde o século XIV, o corpo de certos grandes personagens foi tratado a fim de permitir o seu transporte para um lugar de sepultamento afastado, ou ainda dividido e disseminado, com destino a diversos túmulos. Começava-se a dividir em pedaços como um animal de caça; em seguida ferviam-se os restos para separar as carnes e delas extrair as partes nobres, os ossos dessecados. A partir do século XV, essa técnica foi substituída pelo embalsamamento com a finalidade de conservação. Imediatamente após o último suspiro do rei, ele era exposto como vivo, um gesto de exaltação do sentimento monárquico e de fidelidade dinástica durante os funerais. A sua exposição acontecia em um quarto onde um banquete era preparado com todos os atributos de seu poder quando vivo. A conservação da aparência de vida era necessária para a verossimilhança dessa ficção, assim como a parada da decomposição era fisicamente imposta pela demora das cerimônias⁷.

Relacionando a importância dos velórios na Idade Média, percebemos que havia um grande medo de ser enterrado vivo. Vários reis e rainhas faziam apelos para que fossem apenas enterrados, ou que seu corpo fosse aberto para embalsamamento, vinte e quatro, ou até mais, quarenta e oito horas após o falecimento.

É importante ressaltar também que a morte era uma cerimônia pública e organizada pelo próprio moribundo. Apesar de estar em seu quarto, em seu leito de morte, pessoas entravam livremente, pois se transformara agora em um lugar público. Até as crianças, juntamente com amigos e familiares, tinham acesso ao quarto do moribundo, o que difere muito dos dias atuais. Era extremamente importante todos estarem presentes. Havia dois tipos principais de doentes: os que preferiam morrer em casa (*more*

⁵ ARIÈS, Philippe. História da Morte no Ocidente. 1977, p. 36.

⁶ O século XIV levou o realismo ao ponto de reproduzir uma máscara modelada pelo rosto do defunto. Nos séculos XVI e XVII, o defunto pode ser duplamente representado: jazendo e orando.

⁷ ARIÈS, op. cit.

majorum), eram os antiquados; e os que preferiam morrer no hospital, porque era mais conveniente. Estes eram os modernos.

Uma característica importante relacionada a todos estes rituais era a simplicidade com que os ritos da morte eram aceitos e cumpridos, desprovido-se de caráter dramático e gestos de emoções excessivas. Isso demonstra uma familiaridade com a morte, exemplificada na coexistência dos vivos e dos mortos. Havia, a princípio, uma preocupação de que os defuntos voltassem para atormentar os vivos. Para evitar que isso acontecesse, eram feitos os cultos funerários.

Na Idade Média e na Renascença, de maneira geral, os melhores e únicos transmissores das crenças populares eram os homens de igreja, uma vez que os mortos eram enterrados nas proximidades dela. Já no século XVII, os médicos assumiram a função de transmissores das crenças populares, antes exercida pelos clérigos. Isso acontece devido às mudanças ocasionadas na mentalidade do homem, cada vez mais humanista, cética e racional, afastando-se do espiritualismo legado do período medieval. Os corpos mortos começaram a ter uma importância científica para a sociedade, pois agora serviam de objeto de estudo e análise. Segundo Ariès (1982, p. 387), a morte e o corpo constituíam, por si mesmos, objetos de estudo científico, independentemente das causas da morte.

A morte ainda era tida como um fenômeno complexo e mal conhecido, não tão diferente de hoje, apesar de existirem excelentes trabalhos referentes ao tema. Duas teses sobre a natureza da vida, de um médico alemão chamado L. Christ. Fred Garman, que viveu de 1640 a 1708, mostram bem a relação da essência da vida na morte. Ele diz em sua primeira tese que o cadáver ainda é o corpo, que já é o morto e não está privado de uma sensibilidade pela morte. O corpo conserva um resíduo de vida. Daí alguns epitáfios latinos pedirem que a terra seja leve aos mortos. Alguns argumentos em favor da imortalidade da alma e da sobrevivência após a morte são interpretados como se não se referissem a alma em si, mas ao corpo, que servem para demonstrar que existe uma sensibilidade no cadáver. Mas vale salientar que para ter essência de vida o corpo precisa estar o mais conservado possível, portanto era importante que fossem utilizados bálsamos e conservantes. A segunda tese é oposta à primeira, pois nega a sobrevivência

do cadáver. Ele afirma que o corpo sem a alma já não é nada, pois a alma do homem não pode agir fora de seu corpo⁸.

Na modernidade, uma característica marcante é a observação do morto. Segundo a tese defendida por Garman, a da sensibilidade do cadáver, são perceptíveis os movimentos feitos pelos cadáveres, que, mesmo se diferindo dos vivos, se mexem. E podemos comprovar isso vendo como unhas, pêlos, dentes continuam a crescer depois da morte; o suor flui, emite sons. A morte não impede nem a ereção no pênis, algo muito comum e natural. Essa observação do homem moderno não se limita a questões científicas, mas sim também à estética, uma vez que ele se preocupa agora com esse aspecto.

Durante o século XVIII, com o advento do Iluminismo, a sociedade começou a se influenciar por uma concepção extremamente racional e cética, levando a uma laicização da morte por pelo menos dois motivos básicos: por questão de economia, pois os rituais fúnebres (missa e funeral) custavam muito caro e, tomando por base uma visão racional e céptica, seriam considerados gastos desnecessários; e por questão de saúde, pois, por recomendações médicas, levavam-se em conta doenças que eram transmitidas por miasmas ou vapores provenientes do cadáver decomposto que causavam várias doenças endêmicas, sendo com isso necessária a mudança. Era preciso criar cemitérios extramurais, desvinculados das igrejas.

Essa laicização da morte seria um dos motivos que fizeram com que os enterros passassem a ser feitos em cemitérios fora dos âmbitos urbanos. Após a revolução popular contra os cemitérios, na França, foi promovido um concurso pela Academia de Arquitetura Francesa de projetos sobre cerimônias e organização de cemitérios. Os projetistas em sua maioria criticaram o sistema tradicional de enterro e imaginaram cemitérios gramados e arborizados, cemitérios-jardim para serem visitados como lugar de tranqüilidade e meditação, marcando um novo tipo de culto aos mortos. Por isso, precisaria de um ambiente que favorecesse essa nova imagem da morte, que a tornava sinônimo de descanso, de algo bom que aconteceu. A aparência do lugar onde os mortos

⁸ ARIÈS, Philippe. *O Homem Diante da Morte*. v. II. 1982.

descansariam também era muito importante, pois confirmava essa nova concepção humana de tratamento do morto como uma pessoa que descansaria em paz.

Mesmo com essa visão de descanso, uma grande mudança nas atitudes diante da morte acontece na tradição do Ocidente. A morte vai perdendo sua familiaridade, tornando-se vergonhosa e objeto de interdição. Será sinônimo de tristeza e de algo muito ruim, que deveria ser disfarçado, escondido. Todas as evidências levam a conclusão de que essa mudança teria começado na América, por influência do iluminismo francês. Outro fato que influenciou essa revolução foi a Guerra de Secessão, quando um falso doutor, expulso da escola de medicina, o Dr. Holmes, que era apaixonado pela dissecação de cadáveres, ofereceu seus serviços às famílias das vítimas e embalsamou sozinho, dizem, 4.000 cadáveres em quatro anos!⁹ O embalsamamento foi o primeiro passo para uma grande mudança da forma de tratar a morte nos Estados Unidos, e daí teria se estendido para Inglaterra, Países Baixos e Europa industrial. Com isso, durante os velórios ou visitas de despedida que foram conservadas, os visitantes aparecem sem repugnância ou vergonha, pois significa que não se dirigem a um morto, como na tradição, mas a um quase-vivo, que graças a o embalsamamento continua presente. A tristeza e o luto foram banidos dessa reunião apaziguante.

Essas mudanças em relação ao tratamento da morte teriam sido apressadas pela Reforma Protestante em alguns países do Ocidente, pois praticamente todo o ritual fúnebre era influenciado tradicionalmente pela Igreja Católica. A doutrina da predestinação, em que Deus decide quem são os eleitos, e a abolição do purgatório como estágio temporário da alma, que podia ser abreviado por preces, missas e intercessão dos santos, contribuíram também para a quebra dessa tradição de morte. Alguns fatores vão colaborar para que essa mudança se concretize cada vez mais. Havia preocupação nos médicos do fim do século XVIII quanto à má higiene relacionada ao excesso de pessoas no quarto do enfermo. O mundo dos vivos deveria ser separado do mundo dos mortos. Por isso geralmente os cemitérios situavam-se fora das cidades, à beira das estradas, no campo. Uma relação bem interessante com os dias contemporâneos: os cemitérios atuais têm sido construídos cada vez mais distantes dos centros urbanos. São os chamados cemitérios-parque.

⁹ ARIÈS, 1977, p. 58.

No século XVIII e durante a primeira metade do século XIX, sobretudo no campo, os enterros americanos aconteciam assim: o marceneiro preparava o caixão, a família e os amigos transportavam e seguiam o cortejo, e o pastor, sacristão e o coveiro faziam o serviço. A cova era cavada algumas vezes na propriedade e não na igreja, o que considerariamos um traço de modernidade. Porém, na maioria dos casos, nas aldeias e pequenas cidades, o cemitério ainda ficava ao lado da igreja; já nas grandes cidades, como na Europa, por volta de 1830, localizava-se fora da cidade. Por volta de 1870, com o crescimento urbano, o cemitério era alcançado e em seguida abandonado por um outro local.

Segundo Geoffrey Gorer¹⁰, a morte se tornou um tabu e, no século XX, substituiu o sexo como principal interdito. Quanto mais a sociedade relaxava em seus cerceamentos vitorianos ao sexo, mais rejeitava as coisas da morte. E isso implicou uma mistura de dois interditos: a morte e o sexo, representados na literatura macabra e na morte violenta, que não vem ao caso nesta pesquisa. A explicação desse interdito está no fato de que a demonstração de tristeza vai de encontro a alguns princípios da sociedade moderna, tais como a necessidade de felicidade, o dever moral e a obrigação de contribuir para a felicidade coletiva evitando toda a tristeza ou aborrecimento. Com isso, a felicidade não poderia ser interrompida por causa de um acontecimento natural, por isso, ela deveria ser disfarçada para que a felicidade fosse constante.

Há uma forte relação entre a civilização americana e a atitude moderna diante da morte. A interdição da morte com o fim de preservar a felicidade teria surgido nos Estados Unidos por volta do início do século XX. A felicidade deveria ser alcançada a todo custo nas sociedades capitalistas, a exemplo dos Estados Unidos.

Uma tendência das sociedades contemporâneas quanto às atitudes diante da morte diz respeito ao moribundo em seu leito de morte. Agora, aqueles que cercam o moribundo tendem a poupá-lo e ocultam-lhe a gravidade de seu estado. Ele um dia saberá sua real situação, mas não pelos parentes, pois eles não têm mais coragem de dizer a verdade. A verdade agora se torna um problema, pois há uma intolerância com a

¹⁰ Apud ARIÈS, 1977, p. 56.

morte. Agora a preocupação é não provocar fortes emoções que chegam a ser insuportáveis, causadas pela agonia da morte.

Isso levou à criação de um novo espaço para administrá-la: o hospital. Porque no hospital, de fato, prestam-se cuidados que em casa não se podem mais prestar. Além do mais isso preserva o meio familiar da agonia da morte, pois a morte é trágica. Agora, o moribundo morre sozinho, encontra a tecnologia contemporânea para a anestesia da dor. Assim, o hospital torna-se o lugar privilegiado da morte. Ainda que tecnicamente não seja exatamente assim, frases como "Morre-se no hospital porque os médicos não conseguiram curar" ou "Vamos ao hospital precisamente para morrer, não para ser curado" refletem a associação entre morte e hospital presente no senso comum¹¹.

Como podemos perceber, a morte torna-se embaraçosa porque desencadeia emoções demasiado fortes, e é essa emoção que se precisa evitar. A comoção deve ser evitada em público, agora são às escondidas para não causar constrangimento aos sobreviventes. A morte então se tornou um interdito. A morte não era algo agradável, precisava-se escondê-la ou até disfarçá-la. É nesse contexto que estudamos o homem e sua relação diante da morte. Ele vai a todo custo querer disfarçar, enganar a tragédia que aconteceu. Ele tenta negar o acontecimento mortal e, para isso, utiliza técnicas e métodos que vão ajudá-lo nesse fim.



¹¹ ARIÈS, 1977, p. 54.

2. A TANATOESTÉTICA E OS RITOS DE MORTE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A relação simbólica entre cadáver decomposto e o sentimento de fracasso já presente coincide com a concepção contemporânea de fracasso, presente nas sociedades industriais da atualidade. Segundo Ariès¹², o adulto experimenta cada vez mais cedo o sentimento de que fracassou, de que sua vida adulta não realizou nenhuma das promessas de sua adolescência. Esse sentimento seria a origem do clima de depressão que se espalha pelas classes mais ricas das sociedades industriais. Apesar de saber que hoje em dia, costumeiramente, não estabelecemos relação entre nosso fracasso pessoal e nossa mortalidade, porque a certeza da morte e a fragilidade da vida são estranhas ao nosso pessimismo existencial, a decomposição desperta um sentimento de derrota, de que nada mais há de ser feito.

Percebemos uma grande preocupação do homem, ao longo da história, com a estética, tanto em vida como após a morte. Isso aconteceu não só no mundo, mas por influência cultural, no Brasil também. Por influência da cultura portuguesa e africana, desenvolveu-se na sociedade brasileira uma preocupação do indivíduo em preparar o corpo para a morte, que não se limitava a rituais do pós-morte, mas também da pré-morte, durante a vida. Tanto os portugueses como os africanos eram minuciosos no cuidado com os mortos, banhando-os, cortando o cabelo, a barba, as unhas, vestindo-o com as melhores roupas ou com mortalhas ritualmente significativas. Em ambas as tradições aconteciam cerimônias de despedida, vigílias durante as quais se comia e bebia com a presença de sacerdotes, familiares e membros da comunidade. O interessante é que, tanto na África como em Portugal, os vivos poderiam tornar a passagem do morto para o além mais segura, definitiva, e até alegre com a presença de muitas pessoas nessa fase.

O culto dos mortos tinha uma proeminência maior na tradição africana, ainda que não fosse inteiramente alheio na da portuguesa. João José Reis¹³ afirma que entre os

¹² Ibid.

¹³ REIS, 1991, p. 90.

angolanos os espíritos ancestrais chegavam mesmo a influir mais no dia-a-dia do que as próprias divindades. Os africanos, de um modo geral, tinham meios rituais mais complexos de comunicação com os mortos, como o culto ioruba dos eguns. Enquanto isso, a doutrina da Igreja não se interessava especificamente em cultuar os mortos, concentrando-se em salvá-los. Os vivos, na verdade, podiam interceder por eles mediante orações e missas, mas os mortos, por ignorarem as coisas do mundo no momento em que aconteciam, pouco podiam fazer pelos vivos.

Os mortos ganharam mais importância no catolicismo popular, ainda que impregnado de fortes componentes mágicos e pagãos. Nessa tradição figuravam como personagens poderosas, capazes de atormentar ou de ajudar os vivos. Mas mesmo assim careciam de um culto elaborado, como tiveram entre os africanos. Pode-se dizer que os africanos controlavam melhor os seus mortos e, por isso, podiam exigir mais deles. No catolicismo, por exemplo, ao contrário das religiões africanas, não existia nada semelhante à possibilidade de se provocar ritualmente a presença de espíritos ancestrais e dos próprios deuses entre os vivos.

Mesmo possuindo formas diferentes de encarar a morte, os africanos chegaram a incorporar maneiras portuguesas, e isso se deveu à grande repressão com que sua religião foi tratada no Brasil escravocrata. Podemos assim confirmar que, no Brasil, os rituais relacionados à morte eram compostos por um sincretismo de elementos europeus e africanos, com uma predominância européia relacionado à dominação portuguesa e ao preconceito com o negro africano.

Algumas providências eram tomadas para preparar o defunto para o funeral. O cuidado com o cadáver era de suma importância, pois era uma das garantias de que a alma não ficaria aqui penando. Segundo João José Reis,

Os nagôs acreditavam que a falta dessa cerimônia impedia o morto de encontrar seus ancestrais, tomando-o um espírito errante, um iseku. Tal como os iorubas, o defunto baiano deveria estar limpo, bonito, cheiroso para o velório, esse último encontro com parentes e amigos vivos.¹⁴

¹⁴ 1991, p. 114-115.

Cuidados com a estética faziam parte da preparação, cortavam-se, portanto, cabelo, barba, unhas. O banho teria que vir logo em seguida, caso contrário o cadáver poderia enrijecer, dificultando o preparo conseqüente.

O comportamento de consternação presente nos rituais fúnebres visava a afastar espíritos maus do morto e dos vivos que se aproximavam de seu leito de morte. As lamentações aumentavam quando o falecido era jovem ou quando morria tragicamente. Em algumas ocasiões anteriores, tinha-se o costume de fechar portas e janelas para Satanás não entrar durante a agonia do moribundo, porém agora se abrem portas e janelas para facilitar a saída do espírito do morto¹⁵.

Como podemos ver, nem todos os rituais praticados em alguns lugares do mundo, e no Brasil, não estavam estritamente ligados à estética. Eles traziam consigo uma importância também espiritual. Caso fossem cometidos erros, o objetivo, que envolvia a busca à eternidade, poderia não ser atingido. No Brasil, a aparência do morto era importante para que os vivos também sentissem uma tranquilidade na morte e a encarasse como algo natural.

O embalsamamento, conforme já mencionamos no capítulo anterior, faz parte da evolução da chamada tanatopraxia. Nos Estados Unidos, os primeiros métodos de embalsamamento começaram no início do século XIX, nas escolas de medicina. Para servir como estudo, o corpo deveria permanecer mais tempo sem se decompor, pois isso prejudicava a análise e, conseqüentemente, o aprendizado. Em 1846, o Dr. Ellerslie Wallace, professor de anatomia da *Jefferson Medical College*, na Filadélfia, desenvolveu um produto químico composto por zinco e cloreto para preservação de matéria orgânica. Vale salientar que muitas dessas combinações possuíam venenos mortais como, por exemplo, o arsênico.

Após a Guerra de Secessão (1861-1865), nos Estados Unidos, o embalsamamento passou a ser muito utilizado pela indústria funerária crescente, mobilizando com isso a economia americana e desenvolvendo uma consciência profissional. Um pouco antes, em 1822, uma pequena mudança, mas importante, já havia acontecido: a *National Funeral Directors Association of the United States (NFDA)*, órgão

¹⁵ REIS, 1991, p. 114.

que regulamenta a atividade dos profissionais do ramo, decidiu, numa tentativa de aumentar o valor agregado aos mesmos, substituir a designação “empresário do ramo funerário” para “diretor funerário”. Nesse mesmo ano, o Dr. C.M. Lukins, da *Pulte Medical College*, em Cincinnati, Ohio, estabeleceu a *Cincinnati School of Embalming*, uma escola especializada na arte de embalsamar, como sendo a pioneira nos Estados Unidos¹⁶.

Com essa evolução da técnica de embalsamar, surgiu a tanatopraxia, que podemos entender como uma técnica que consiste na conservação, higienização e restauração de cadáveres humanos. A técnica da tanatopraxia é um método utilizado mundialmente. Dessa forma, o procedimento utilizado no Brasil é igual ao que se utiliza na Europa ou nos Estados Unidos, por exemplo. As formas de estabilizar ou retardar a decomposição de matéria orgânica existentes hoje são distintas, e cada uma tem característica específica cujos resultados são igualmente diferenciados.

A tanatopraxia é um método moderno e eficaz de conservação que utiliza líquidos conservantes com concentração máxima do formol em 8%, injetado através de máquinas apropriadas, com regulagem de pressão e vazão, através de artérias junto ao triângulo de escarpa ou carótida, podendo ser feito multiponto conforme a necessidade de cada caso. Em média se utilizam 8000 ml de líquido por corpo, ocorrendo a drenagem do sangue durante o processo de injeção. O cadáver fica com aparência saudável, coloração epidérmica rosada, sem marcas de *livores mortis*, ou seja, roxos nas extremidades e posterior abdominal. O tecido epidérmico ganha uma espécie de celulite, há ganho de massa muscular, ficando pernas e braços mais grossos e flexíveis, boca e olhos fechados, posição do corpo normalmente reto, abdome normal para negativo, devido à aspiração toraco-abdominal que retira sangue e gases. Após esse processo, que utiliza a abertura de orifício ao lado do processo xifóide (umbigo), ainda há a introdução de cerca de 500 ml de líquido conservante neste local. O tempo médio desse preparo é de 2 horas.

A tanatopraxia é realizada em ambiente equipado apropriadamente (tanatório), desenvolvida por técnicos habilitados, chamados de tanatopraxistas, e especialmente treinados. Este treinamento é obtido em cursos de tanatopraxia através do Centro de Tecnologia em Administração Funerária, que tem parceria com a UNESP, no qual o

¹⁶ FIÚZA, 2003, p.19

é a maior perda. Quando a pessoa está diante da morte, entra num processo de crescimento ou conflito psicológico. Consideramos um herói aquele que enfrenta a morte, que na visão comum é algo muito trágico, um terror pelo qual não se quer passar ou não se quer nem pensar. Segundo Ernest Becker, em seu trabalho *A Negação da Morte*, quando vemos um homem enfrentando bravamente a sua extinção, ensaiamos a nossa própria vitória¹⁸.

Diríamos que a pessoa que se coloca diante da morte encara-a de variadas formas. Uma possibilidade comum seria a da negação, ou seja, negar a realidade. Ela não quer acreditar no que aconteceu, por isso ela tenta negociar com os médicos e até com Deus. Porém, quando percebe que nada mais adianta, ela entra em uma fase de revolta, raiva do que aconteceu. A pessoa se equipara a uma criança que perdeu algo muito valioso. Em seguida, vem uma fase de interiorização, em que a pessoa reflete sobre o que aconteceu, o que geralmente se assemelha a uma depressão. Logo após vem a aceitação. Comumente as pessoas que encaram a morte com esperança em suas crenças sentem um impacto menor, um maior conforto.

É interessante perceber que em nossa sociedade essas reações são extremamente normais e que a utilização dos serviços da tanatopraxia serve para amenizar as dores sofridas pelos familiares da vítima. A família, muitas vezes inconformada com o acontecimento trágico, vem em busca de um serviço que contribua para amenizar esse problema sofrido e aliviar as dores, a tristeza. Muitas vezes a devolução do corpo do falecido em uma coloração próxima do seu natural, bem como uma redução de seu edema facial e uma acomodação mais natural de seus "sinais faciais" trarão a seus afetos a sensação de serenidade e conforto transmitida pelo velado e tão pretendida pelos familiares. Suaviza-lhes possíveis sentimentos de culpa e ajuda-os a encontrar conforto na possibilidade de o falecido, aparentando tranquilidade, ter encontrado paz no seu descanso.

A tanatoestética, ou seja, os cuidados dispensados ao cadáver para devolver sua cor e aparência natural, através de cosméticos e cuidados estéticos em geral, visando a sua melhor apresentação, tem tido uma grande aceitação em nossa sociedade

¹⁸ BECKER, 1976.

contemporânea. Antes não era assim. A primeira brasileira (na verdade luso-brasileira) a ter maquiagem mortuária, que é um dos itens da tanatoestética, foi a cantora Carmen Miranda, em 1955, nos Estados Unidos, onde foi embalsamada, vestida e maquiada para ser sepultada no Brasil. Acontece que a maquiagem mortuária nos Estados Unidos já estava consolidada desde aquela época, era muito comum. Lá os rituais fúnebres são mais longos do que os brasileiros e a conservação do corpo e de uma boa fisionomia do morto exigiram que este segmento da maquiagem se desenvolvesse de maneira profissional. Os maquiadores americanos especializados usam técnicas de embalsamamento e de recomposição de pele em casos de acidente. Eles utilizam um jatinho aerógrafo de maquiagem, com massas e produtos, segundo o maquiador Ulisses Rabelo, que afirma nunca ter visto um trabalho desse tipo no Brasil, nem pessoas que o façam. Retomando a história do sepultamento de Carmem Miranda, ela não pôde ser enterrada maquiada, pois ao chegar ao Brasil, bem pintada, e usando batom e vestido vermelhos, o rosto da artista teve que ser demaquiado, por determinação do padre que encomendaria o corpo. Isso demonstra tanto o conservadorismo do nosso país nessa época como também a influência do catolicismo ao longo da história da morte, como vimos anteriormente.

No Rio Grande do Norte, mais precisamente em Natal, a morte e o seu tratamento estavam ligados a uma visão católica. Esse tratamento era mínimo, porque não havia condições técnicas e conhecimento sobre como tratar o corpo. Segundo Marivaldo Amaro da Silva, tanatopraxista do Grupo Vila, um dos pioneiros na utilização da tanatopraxia em Natal e que trabalhou no setor funerário antes da chegada dessa prática ao estado, a morte era tratada com verdadeiro descaso, pois os corpos não recebiam qualquer tratamento específico para permanecer em um velório de poucas horas (equivalente a 12h), e muito menos em um de longa duração (equivalente a 24h).

O que acontecia freqüentemente era que o corpo saía do hospital com um tamponamento¹⁹ tradicional, que deveria ser feito de forma que os principais orifícios, nariz, boca e ânus, não vazassem sangue. Em seguida, o corpo era levado para a funerária, onde o defunto era vestido, ornamentado com flores e onde também era feita uma limpeza superficial, geralmente de alguma mancha. Em geral, essa superficialidade

¹⁹ Ato de tamponar, obstruir com algodão os orifícios.

no tratamento do cadáver implicava problemas devido ao fato de que o processo biológico de decomposição seria mais intenso e mais rápido. Então, como podemos perceber, o corpo não era entregue pronto para o velório à família pelo hospital, mas com um tratamento aparente, que os médicos chamam de "fazer o pacote". O interessante, segundo Marivaldo, era a atitude de algumas pessoas que, levadas pelas suas crenças, colocavam bacias de água com gelo em baixo do caixão. Acreditavam elas que isso serviria para conservar o defunto, mas que na realidade não conservava nada. Até hoje algumas poucas pessoas ainda mantêm essa crença. Cientificamente, para manter uma conservação, precisa-se de uma boa refrigeração de todo o corpo, o que não acontecia nesses casos, em que além da espessura da madeira da urna, ainda havia a espuma que a envolve por dentro e as roupas do falecido.

A tanatopraxia chegou ao Brasil em 1994, porém, em Natal, só se tomou conhecimento desse exercício em 1997, quando Ronaldo Alves de Melo, tanatopraxista do Grupo Vila, foi fazer o curso em São Paulo. Dois anos depois, em 1999, Marivaldo teve a oportunidade de também fazer esse curso. E pelo fato de que as pessoas não conheciam a técnica, não sabiam o que era a tanatopraxia, como até hoje muitas não conhecem, eles faziam apenas alguns casos esporádicos. Nos anos seguintes, com a divulgação e o diálogo, a demanda dos serviços funerários utilizando a tanatopraxia aumentou consideravelmente. Isso também é um reflexo do comportamento das pessoas diante da morte, pois quando ocorre o falecimento do ente querido, geralmente, uma ou poucas pessoas toma a frente para resolver os problemas relacionados ao velório e ao enterro, e isso faz com que boa parte das pessoas não tenham um conhecimento maior sobre o assunto ou falte-lhe interesse em saber coisas relacionadas à morte, como já falamos anteriormente neste capítulo.

Com a tanatopraxia as coisas mudaram no ramo funerário, porque solucionou o problema de quem precisava de um velório mais estendido. Segundo Marivaldo, se uma pessoa morreu às quatro horas da manhã e precisa ser enterrado às dezesseis horas do dia seguinte, não haverá dificuldade alguma utilizando a tanatopraxia, pois o corpo não entrará em decomposição até o enterro do mesmo. Ele conta que já houve casos em que uma pessoa falecida numa quinta-feira, por volta das treze horas, cuja família solicitou o serviço utilizando a tanatopraxia para o sepultamento, foi sepultada no dia seguinte, na

sexta-feira, às dezesseis horas. Marivaldo relata que às dezoito horas do mesmo dia havia preparado o corpo acreditando que o sepultamento seria no dia seguinte. Para sua surpresa, ele recebe uma ligação informando que o voo em que a filha do falecido iria vir fora cancelado, e que ela agora, devido a esse problema, só chegaria no domingo. Marivaldo, então, tendo em vista essa dificuldade e após combinar com a diretoria, resolveu embalsamar o corpo para que garantisse o serviço. Porém ele afirma que a fixação dos tecidos estavam 100% concluídas e que, pela eficácia da tanatopraxia, não precisaria ter feito o embalsamamento. Foi a partir desse acontecimento que ele confirmou aquilo que ele já sabia: “A tanatopraxia é um serviço de qualidade indiscutível.”

Com base no exemplo acima, é importante lembrar que tanatopraxia pode ser feita para todos os casos de morte, seja por enforcamento, por afogamento, acidente automobilístico, queda. Para todos estes casos existe tratamento específico. O Grupo Vila, como já falamos anteriormente, pioneiro na técnica no Rio Grande do Norte, divide a tanatopraxia em três níveis básicos, nos quais variam a técnica e os líquidos utilizados, segundo especialista Marivaldo.

A tanatopraxia nível um é utilizada para casos em que o velório durará aproximadamente doze horas, levando em consideração a hora do falecimento. É um trabalho simples, porém indispensável. Marivaldo relata que houve casos de pessoas às quais o serviço fora apresentado, as quais receberam explicações sobre como funcionava e sua importância, porém disseram que não queriam o serviço, porque a enfermeira do hospital ou a pessoa que “fez o pacote” disse que estava tudo prontinho. Daí, eles tiveram que regredir alguns anos, apenas vestindo o morto, colocando-o na urna e ornamentando-a com flores. O resultado foi devastador para a família, porque em pouco tempo o corpo começou a extravasar líquido. A família, tendo em vista o ocorrido, resolveu fazer a tanatopraxia no meio do velório, o que se tornou muito constrangedor, pois tiveram que retirar o corpo para fazer o tratamento.

A tanatopraxia nível dois é utilizada para velórios que ultrapassarão as doze horas de duração. Esse método é o tradicional, mais utilizado, pois se destina a pessoas vítimas de morte natural, e acontece pela infusão do líquido formodeído no sistema circulatório.

Já a tanatopraxia nível três é recomendada para casos necropsiados, ou seja, examinados pelos médicos. Geralmente se destina às pessoas que morreram em casa ou no hospital sem assistência médica, ou que morreram em casa ou no hospital sem que os médicos conseguissem diagnosticar a causa da morte. Quando o médico tem dúvida sobre a causa da morte, ele envia o corpo para o Serviço de Verificação de Óbito (SVO). Através do exame é que o médico vai definir a causa do falecimento. Porém, quando se trata de morte violenta (acidentes, enforcamento, suicídio, arma de fogo, arma branca), o corpo não é mais tratado pelo SVO, e sim pelo IML, Instituto Médico Legal, que, no Rio Grande do Norte, é conhecido como Instituto Técnico Científico de Polícia (ITEP), pois esse corpo foi necropsiado e retirados fragmentos dos órgãos para se fazer a autópsia. Quando isso ocorre, torna-se difícil fazer a infusão do líquido conservante pelo sistema circulatório que apresenta rompimentos de artérias, veias e vasos. Marivaldo conta que no interior do corpo humano adulto há uma ramificação muito extensa de aproximadamente cinquenta mil quilômetros de veia e artérias, que, quando um de seus vasos é rompido, ocorrem infiltrações em alguns lugares. Dessa forma, um rompimento em algum lugar pode gerar problemas sérios a outros lugares do corpo, como inchaços, equimoses, vasamento de líquidos, entre outros.

O Grupo Vila, pioneiro na tanatopraxia em Natal e no Rio Grande do Norte, também é pioneiro na tanatopraxia em três níveis. Essa prática já foi reconhecida pela vigilância sanitária nacional, a ANVISA, e aos poucos está substituindo o embalsamamento como forma tratamento de conservação do corpo pós-morte, segundo Marivaldo. É interessante lembrar que o embalsamamento substituiu a mumificação, e hoje percebe-se que aos poucos a tanatopraxia está substituindo o embalsamamento. Por isso acreditamos ser a tanatopraxia o que há de mais moderno no mercado funerário no mundo contemporâneo. Isso se deve ao fato de que, apesar de semelhante ao embalsamamento, a tanatopraxia é bem menos agressiva que os outros procedimentos, além de ser mais eficaz. Marivaldo afirma que o embalsamamento logo irá sair do mercado.

A aceitação da tanatopraxia, como já falamos, tem crescido muito em Natal e no Rio Grande do Norte. A média de casos de utilização da tanatopraxia é de aproximadamente 5 a 6 vezes por dia, por turno de 12 horas, no Centro de Velório do

Grupo Vila. À noite essa média cai para 2 ou 3 casos. Ainda existem muitos questionamentos a respeito do que é feito no corpo do falecido através da tanatopraxia. O tratamento do corpo assemelha-se a um procedimento cirúrgico, e, assim como são poucos os casos em que o médico permite a família entrar na sala de cirurgia, o tanatopraxista também procede da mesma forma no tanatório, principalmente em casos delicados em que se precisou de maiores cuidados. Como já havíamos falado, a tanatopraxia é acompanhada da tanatoestética, que cuida da aparência do corpo morto. Como estamos falando sobre a demanda do serviço, segundo Marivaldo, a maquiagem mortuária tem pouca saída, as pessoas ainda não a solicitam muito. Geralmente, pessoas de classes mais abastadas são quem mais utilizam este tipo de serviço, subtende-se pelo fato de serem mais vaidosas e quererem que o corpo tenha uma boa apresentação em público no velório. Porém, vale salientar que há um grande cuidado para que seja algo bem discreto, nada chamativo nem extravagante, pois se trata de um funeral e de sentimentos que ali estão envolvidos.

Outro caso de comum utilização dentro da tanatoestética é a da restauração facial. Muito comum em acidentes automobilísticos em que vidros trespassam tecidos da face ou quando há perda de parte do lábio, vítimas de tiro, perfuração ou até mesmo suicídio. Conforme nos relata Marivaldo, utilizando as técnicas da tanatoestética, é possível deixar essas marcas imperceptíveis. E isso é muito importante para o velório e para a apresentação do morto em público. Essas técnicas servem para amenizar os traços mortais e aliviar as dores da família. Apenas os casos em que há uma grande perda de tecidos podem não ser solucionados. Outro caso comum é quando há doação de órgãos, e principalmente da córnea, em que há uma grande agressão à região do rosto, pois o médico não retira apenas a córnea para a doação, e sim todo o globo ocular. Em lugar do globo ocular, uma grande quantidade de gases e algodão é enxertada e daí uma grande quantidade de vasos é rompida e sangram excessivamente, causando uma enorme olheira que através da tanatopraxia será solucionada.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho de pesquisa chegamos à conclusão de que o homem, ao longo da história, e em cada cultura, encarou a sua extinção de várias formas.

A princípio, nas civilizações antigas, como na egípcia, cuidar do morto tinha uma conotação muito importante, pois significava levar em consideração uma vida pós-morte. O procedimento bem feito garantiria o objetivo bem-sucedido do retorno da alma à vida, caso contrário, a alma estaria fadada ao fracasso eterno. Na Antigüidade clássica, mais precisamente na Grécia Antiga, a aparência do corpo morto era de suma importância para a aceitação dos deuses. A cultura judaico-cristã defendia que o corpo deveria estar em ótimas condições para a ressurreição final, com a vinda do messias. Com isso, acreditamos que uma das justificativas para o cuidado com o morto diz respeito ao seu aspecto sobrenatural, espiritual e religioso.

Na Alta Idade Média, a princípio, a morte era algo familiar, já esperada e por isso era tratada em casa. Na Baixa Idade Média, a morte passou a se tornar algo indesejável ao homem, algo inconveniente. A morte torna-se um interdito, algo do qual o homem foge e esconde-se porque não é agradável. Então, o disfarce da morte estava ligado ao sentimento do homem, o medo de que a morte era sinônima de perda e de reflexão, pois um dia ele iria também morrer.

Na modernidade, surge a idéia de utilizar o corpo como objeto de estudo, de dissecar o corpo para se encontrar a cura para doenças. Havia um grande medo de ser enterrado vivo, vítima de doenças que proporcionava apenas uma aparência de morte, porém a pessoa ainda se encontrava viva. Percebemos um contraste da frieza de encarar uma dissecação do corpo com o medo de morrer de forma agonizante.

Na contemporaneidade, a morte é responsável por desencadear emoções demasiado fortes e, por isso, não deve ser encarada como natural. Diante de algo trágico é preciso tomar atitudes de forma tal a ser possível disfarçá-la. A morte tira a felicidade constante do homem, e essa mudança teria ocorrido inicialmente na América.

No Brasil, à semelhança de Portugal e da cultura africana, o corpo deveria ser tratado para a pós-morte. Os cuidados básicos com a estética eram na realidade uma preparação para a vida após a morte. O tratamento não visava apenas uma aparência, mas sim algo além disso, a eternidade da pessoa morta. Apesar de uma forte influência do catolicismo, que não via com bons olhos o culto aos mortos, o que se tem na cultura fúnebre sobre os cuidados para com o morto é de influência portuguesa e africana, além da norte-americana, que seria a influência mais atual.

No mundo atual a preocupação do homem com aparência é algo que tem se intensificado. O mundo vive de aparências. Achamos algo feio e não sentimos qualquer prazer nisso. Por outro lado, o que é belo pode mudar nossas concepções e pensamentos sobre determinada forma de pensar. Quando a morte chega, ela não está isolada do homem, em sua rotina diária. É nesse contexto que vem a importância da tanatopraxia, cuja aceitação, tem crescido consideravelmente ao longo dos tempos no ramo funerário.

É importante relatar que a preocupação do homem com a estética em vida levou-o a se preocupar com a estética da morte. Agora ele preocupa-se em esconder a feiúra da morte, ele não se conforma com a situação de tragédia e tristeza que a morte causa. Então, através dessa mudança, desenvolve técnicas avançadas para tratar o morto e deixar um momento extremamente trágico significar um ciclo vital simbolizando um descanso eterno, um sono profundo. Com a evolução dos serviços funerários hoje, é possível até tornar uma simples cerimônia fúnebre em algo bem produzido, com cerimonialistas, bufê, música ao vivo e até efeitos especiais, conforme a cultura norte-americana²⁰.

Assim, o homem não foi criado para a morte, e sim para a eternidade. Ao longo da história na maioria das diversas culturas, o homem não encarou a morte com aceitação, e sim com medo e aversão. E percebemos isso claramente em nossa cultura atual.

²⁰ VEJA, 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Phillippe. *A história da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

_____. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. v. I.

_____. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. v. II.

BECKER, Ernest. *A negação da morte*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

_____. *A negação da morte*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Bíblia sagrada. 33. ed. Tradução João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1991.

BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil: ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto (1890-1930)*. Belo Horizonte: Com Arte, 2002.

CEZIMBRA, Márcia. *Maquiagem mortuária*. In: *Maquiagem: técnicas básicas, serviços profissionais e mercado de trabalho*. Rio de Janeiro. Senac Nacional. 2007. p. 142-143.

CHIAVENATO, Julio José. *A morte: uma abordagem sociocultural*. São Paulo: Moderna, 1998.

COELHO, Maria da Conceição G. *Entre a terra e o céu: viver e morrer no Sertão do Seridó (século XVIII e XIX)*. Natal, 2001. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais.

DEMELEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FIÚZA, Sérgio Luiz; VIOTTI, Luiz Felipe; GRIFFO, Luiz Henrique Miranda. *Tanatopraxia: teoria, prática e legislação*. Belo Horizonte: O Lutador, 2003.

FREITAS, Eliane Tânia Martins de. *Memória, ritos funerários e canonizações populares em dois cemitérios no Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese. Disponível em: <<http://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&q=author:%22de+Freitas%22+intitle:%22MEM%C3%93RIA,+RITOS+FUNER%C3%81RIOS+E+CANONIZA%C3%87%C3%95ES+POPULARES+...%22+&um=1&ie=UTF-8&oi=scholar>>. Acesso em: 15 maio 2008.

GAZETA DO PARANÁ. *O que é tanatopraxia?* Disponível em: <www.montesinai24horas.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=21&Itemid=1>. Acesso em 2 jun 2008.

KOK, Glória. *Os vivos e os mortos na América portuguesa: da antropofagia à água do batismo*. Campinas: UNICAMP, 2001.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.). *Imagem e memória: ensaios em antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Lisboa: Estampa, 1993.

LOUREIRO, Maria A. Salgado. *Como nasceu o serviço funerário*. São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras da Prefeitura do Município, 1977.

MAIOR, A. Souto. *História geral*. 15. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

MORIN, Edgard. *O homem e a morte*. São Paulo: Imago, 1997.

O SEGREDO DAS MÚMIAS: A busca da vida eterna. São Paulo: Escala, n.1, [200-].

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VEJA. *A apoteose do adeus*. 04 out. 2006. Disponível em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&rlz=1T4ADBF_pt-BRBR273BR278&q=como+s%C3%A3o+os+velorios+americanos+%3F&meta=>>. Acesso em: 28 jun. 2008.

VOVELLE, Michel. *Atitudes diante da morte (séc. XVII e XVIII)*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXOS

Independente da necessidade e do tempo de velório, a Funerária São Francisco preserva a memória do seu ente querido com o serviço de Tanatopraxia.

Tanatopraxia é o método mais moderno para manter a aparência da pessoa falecida durante velórios longos. Diferente do embalsamamento, essa técnica não utiliza formol ou faz a retirada de qualquer órgão.

Seu princípio está na aplicação de um líquido conservante e desinfetante, que devolve a aparência natural do corpo, evitando extravasamento de líquidos, inchaço e garantindo um aspecto semelhante ao que ele apresentava em vida.

A Funerária São Francisco possui um laboratório dentro dos padrões de biossegurança e pessoal qualificado para a prática de Tanatopraxia, com formação acadêmica nos cursos de extensão universitária de anatomia no Instituto de Biociências da UNESP/SP.

Através desse método, é possível realizar a restauração do corpo em caso de acidente; permitir que a família possa permanecer mais tempo no velório; ou mesmo para que o corpo possa ser transportado a grandes distâncias.

Níveis de Tanatopraxia*

Nível 1	recomendada para corpos que serão velados por até 24 horas
Nível 2	recomendada para corpos que serão velados por até 72 horas e traslado intermunicipais
Nível 3	recomendada para corpos que serão velados por até 90 dias para traslado interestaduais e internacionais



SÃO FRANCISCO
FUNERÁRIA E VELÓRIO

UMA EMPRESA



Para mais informações, consulte um de nossos atendentes.
www.grupovila.com.br | 84 3203.5555

* sujeito a disponibilidade do serviço no local.

Relatório Mensal de Tanatopraxia 2007											
nível	Jan	fev	mar	abr	maio	jun	agos	set	out	nov	dec
Tanatopraxia nível 1	82	65	65	80	87	72	66	50	77	83	85
Tanatopraxia nível 2	30	14	38	35	16	36	47	40	36	33	20
Tanatopraxia nível 3	12	5	8	9	2	6	2	14	4	10	4
Embalsamamento	7	3	1	6	1	6	x	1	x	2	1
Total por mês	131	87	112	130	106	120	115	105	117	128	110

Relatório Mensal de Tanatopraxia 2008

<i>Funcionário: Marivaldo Amaro</i>					
JANEIRO	JAN	Fev	Mar	Ab	Ma
TANATO NÍVEL 1	17	39	24	38	41
TANATO NÍVEL 2	4	11	6	12	12
TANATO NÍVEL 3	1	4	2		1
TAMPONAMENTO	4	1			
Embalsamamento		2	2	1	1
<i>Funcionário: Leonardo Borges</i>					
JANEIRO		Fev	Mar	Ab	Ma
TANATO NÍVEL 1	10	17	15	18	24
TANATO NÍVEL 2	2	3	2	3	3
TANATO NÍVEL 3			2		1
Embalsamamento			1	1	1
<i>Funcionário: Ronaldo Melo</i>					
JANEIRO		Fev	Mar	Ab	Ma
TANATO NÍVEL 1	24	25	27	57	27
TANATO NÍVEL 2	3	3	5	7	5
TANATO NÍVEL 3	1	2	1	1	2
Embalsamamento			1	3	
<i>Funcionário: Francisco Trajano</i>					
JANEIRO		Fev	Mar	Ab	Ma
TANATO NÍVEL 1	11	23		13	29
TANATO NÍVEL 2		3		6	4
TANATO NÍVEL 3	1	1			
<i>Funcionário: Edson Matias Fonseca</i>					
JANEIRO		Fev	Mar	Ab	Ma
TANATO NÍVEL 1			17		
TANATO NÍVEL 2			2		
TANATO NÍVEL 3					